

Artigo

Antropologia e educação: um diálogo necessário

*Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos**

Resumo

A relação entre antropologia e educação tem se revelado fundamental para uma compreensão aprofundada dos processos educacionais em contextos diversos. Este artigo explora a importância desse diálogo entre a antropologia e a educação, destacando como a antropologia contribui para a compreensão das práticas educacionais em diferentes culturas e contextos sociais. Além disso, aborda como a pesquisa antropológica pode enriquecer a formação de professores e promover uma educação mais inclusiva e sensível às diversidades culturais. Ao analisar casos de estudo e experiências práticas, este artigo ressalta a necessidade de estreitar os laços entre essas duas disciplinas, destacando os benefícios mútuos que essa colaboração pode trazer para a teoria e a prática educacional.

Palavras-chave: Antropologia. Educação. Diversidade Cultural. Formação de Professores. Práticas Educacionais.

Anthropology and education: a necessary dialogue

Abstract

The relationship between anthropology and education has proven to be essential for a deep understanding of educational processes in various contexts. This article explores the significance of the dialogue between anthropology and education, emphasizing how anthropology contributes to the understanding of educational practices in different cultures and social settings. Furthermore, it discusses how anthropological research can enhance teacher training and promote more inclusive education that is sensitive to cultural diversities. By analyzing case studies and practical experiences, this article underscores the need to strengthen the bonds between these two disciplines, highlighting the mutual benefits that this collaboration can bring to educational theory and practice.

Keywords: Anthropology. Education. Cultural Diversity. Teacher Training. Educational Practices.

** Doutor em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo.*

A relação entre a antropologia e a educação é um campo complexo e desafiador, marcado pela busca pela compreensão da alteridade e pela superação de estigmas e preconceitos. Neste contexto, é importante reconhecer que tanto a antropologia quanto a educação têm raízes profundas em necessidades humanas fundamentais e estão intrinsecamente ligadas ao contexto histórico em que surgiram e se desenvolveram.

Darnton (1996) observa que a alteridade é a "terra prometida" da antropologia, onde os antropólogos buscam entender e se colocar no lugar do outro, de ver o mundo como o outro o vê. Essa busca pela compreensão do diferente é fundamental tanto para a antropologia quanto para a educação, pois ambas lidam com a diversidade cultural e a pluralidade de perspectivas.

No entanto, essa busca pela compreensão do outro também é um desafio, especialmente quando se trata do diálogo entre a antropologia e a educação. Muitas vezes, os não-antropólogos buscam adotar um "olhar antropológico" em suas pesquisas educacionais, mas isso pode ser complicado, pois a antropologia não é apenas uma técnica de observação, mas uma disciplina com suas próprias teorias, métodos e abordagens.

Por outro lado, os antropólogos também enfrentam desafios quando são chamados a lidar com a realidade da educação. Alguns podem não ter conhecimento suficiente sobre o campo da educação, enquanto outros podem deslegitimar a pesquisa educacional como algo exterior aos interesses da antropologia. No entanto, é importante reconhecer que a antropologia não é uma ciência isolada, mas está enraizada em contextos históricos e sociais específicos.

A ciência, incluindo a antropologia e a educação, é dinâmica e está em constante evolução. Ela se constrói e redefine à medida que novas questões e desafios surgem. Portanto, é legítimo buscar conhecer o histórico da antropologia e sua relação com a educação, a fim de compreender os caminhos que estão sendo traçados atualmente.

É importante destacar que, apesar das diferenças e desafios, há muito em comum entre a antropologia e a educação. Ambas lidam com a compreensão da diversidade cultural, a interação entre culturas, a formação de identidades e a análise de práticas sociais. Reconhecer essas semelhanças pode ser o primeiro passo para estabelecer um diálogo frutífero entre essas disciplinas.

O enlace que faz um diálogo entre antropologia e educação não é uma novidade, mas sim uma relação que remonta a momentos cruciais da história da antropologia. Para compreender essa relação de forma mais profunda, é essencial explorar as bases epistemológicas da antropologia como ciência e ciência aplicada, bem como seus alinhamentos teóricos, avanços e limitações. Ao fazê-lo, podemos superar a instrumentalização da antropologia pela educação e promover um diálogo mais produtivo e enriquecedor entre essas duas disciplinas.

A questão das diferenças é central tanto para a antropologia quanto para a educação, mas essa temática apresenta desafios significativos no contexto pedagógico, especialmente devido à tendência institucional de homogeneização. Tanto a antropologia quanto a educação se deparam com desafios relacionados a questões raciais, étnicas, econômicas, sociais, de gênero e muitas outras, que podem limitar ou impedir o alcance de metas educacionais mais universalizantes e democráticas. Em uma sociedade globalizada, essas questões emergem com intensidade crescente devido às transformações contextuais.

O objetivo central da antropologia neste aspecto, é aproximar os alunos da pedagogia do campo teórico da antropologia, muitas vezes desconhecido por eles. Por outro lado, os estudantes de ciências sociais, onde os antropólogos são formados, geralmente não têm conhecimento do histórico da antropologia no campo da educação, o que é compreensível dada a ênfase limitada dada a essa interseção em particular. A educação raramente tem sido um foco privilegiado da antropologia, e algumas abordagens teóricas que poderiam ser relevantes para essa relação, como o culturalismo americano

representado por Franz Boas (1998), também não têm sido objeto de análise aprofundada.

Existem várias razões para essa separação entre antropologia e educação, mas é importante reconhecer que somos herdeiros de tradições e conhecimentos que se acumularam ao longo do tempo. Isso não nos torna acríticos ou conservadores, mas exige que reconheçamos a continuidade do conhecimento ao longo da história da ciência. Resgatar essa história é fundamental para entender o uso da antropologia como referência em campos como a educação.

O diálogo entre antropologia e educação não é uma novidade, como alguns podem pensar, mas tem raízes que remontam ao final do século XIX. Nessa época, antropólogos já se interessavam pela cultura da infância e adolescência, estudando processos interculturais infantis e sistemas educativos informais em uma concepção ampliada de educação. Ao longo do século XX, a antropologia continuou a influenciar debates educacionais, participando de revisões curriculares e outros movimentos ligados à escola e à educação.

Entre as décadas de 1920 e 1950, muitos antropólogos se envolveram em debates com teóricos como Freud e Piaget, mas o conhecimento sobre esses debates no Brasil é limitado. Durante os anos 1930 e 1940, antropólogos desempenharam papéis importantes em programas de reforma curricular nos Estados Unidos, incluindo figuras notáveis como Margaret Mead e Ruth Benedict, que eram discípulas de Franz Boas. No entanto, esses nomes raramente são mencionados nas faculdades de educação, embora suas contribuições possam ser valiosas para entender a visão da escola na antropologia e na educação.

Notadamente, a relação entre antropologia e educação é uma questão complexa e multifacetada, que remonta ao final do século XIX e continuou a evoluir ao longo do século XX. Reconhecer a história desse diálogo é fundamental para superar estigmas e preconceitos e promover uma compreensão mais profunda das questões de diversidade e diferença no campo

da educação. É um desafio, mas também uma oportunidade para enriquecer ambas as disciplinas.

A inquietação de Franz Boas em relação a relação entre antropologia e educação, como mencionada, revela que o diálogo foi iniciado, mas não concluído. O processo que se desenrolou na primeira metade do século XX e continua até hoje exige uma análise mais profunda da história da interseção entre antropologia e educação. Alguns podem questionar a relevância de compreender esses processos, argumentando que eles podem estar ultrapassados pela dinâmica acelerada do mundo moderno em constante transformação.

No entanto, a relação entre antropologia e educação oferece um espaço vital para o debate, reflexão e intervenção. Ela abrange desde o contexto cultural da aprendizagem até os impactos das diferenças culturais, raciais, étnicas e de gênero, bem como os sucessos e insucessos do sistema educacional diante de uma sociedade em constante evolução. Tanto no passado quanto no presente, a antropologia e os antropólogos se preocuparam com as questões relacionadas à diversidade e às práticas educativas, tanto como uma ciência quanto como uma ciência aplicada.

Como apontado por Galli (1993), essas questões convergem para os estudos culturais na antropologia e para os mecanismos educacionais na pedagogia, permitindo a existência de uma antropologia da educação. Essa conversa entre antropologia e educação continua no presente, incluindo debates teóricos e metodológicos nas pesquisas educacionais que exploram as diversas formas de vida que desafiam nosso entendimento neste final de século. Em jogo estão as singularidades e particularidades das sociedades humanas, de seus grupos diversos, em contraste com a universalidade do fenômeno social humano e sua crescente complexidade ao longo do tempo, especialmente em um mundo globalizado.

Portanto, conhecer a história dessa interseção entre antropologia e educação é essencial para compreender as raízes e implicações desse diálogo em curso. A história nos fornece uma base sólida para refletir sobre as

questões contemporâneas relacionadas à diversidade, educação e transformações sociais, permitindo-nos explorar como essas disciplinas continuam a moldar nosso entendimento do mundo em constante mudança.

Notas complementares sobre a antropologia, sociologia na educação

A intersecção teórica entre Antropologia, Sociologia e Educação constitui um campo fértil para a análise aprofundada do fenômeno educativo, especialmente no que tange à sua inserção e interação com a multiplicidade de contextos culturais e estruturas sociais contemporâneas. O diálogo entre estas disciplinas viabiliza uma compreensão holística do processo educacional, ressaltando a relevância de fatores culturais e sociais na configuração das práticas educativas em ambientes escolares.

A contribuição da Antropologia ao campo educacional é notável por sua ênfase na imersão e análise das práticas culturais, fornecendo insights essenciais sobre como o contexto cultural influencia e dá forma ao aprendizado. Esta perspectiva antropológica facilita a compreensão da escola como um locus de encontro, confronto e interação de diversas culturas, promovendo uma visão da educação que transcende a simples transmissão de conhecimentos, reconhecendo-a como uma prática socialmente e culturalmente situada.

Por sua vez, a Sociologia contribui para este diálogo ao examinar as estruturas sociais, relações de poder e dinâmicas grupais, elucidando o papel do sistema educacional dentro das amplas estruturas da sociedade. Este enfoque sociológico evidencia as maneiras pelas quais a educação pode perpetuar ou mitigar desigualdades sociais, destacando a importância de se questionar o acesso à educação de qualidade e o impacto das identidades sociais nas trajetórias educacionais.

A interdisciplinaridade entre estas áreas e a Educação propicia uma abordagem mais inclusiva e equitativa no tratamento das questões de diversidade, equidade e inclusão no contexto educacional. Tal abordagem

promove o desenvolvimento de práticas pedagógicas culturalmente sensíveis e adaptativas, dirigidas às necessidades de uma população estudantil diversa, e facilita a desmontagem das complexas relações entre cultura, sociedade e educação.

Assim, a convergência entre Antropologia, Sociologia e Educação não apenas enriquece nossa compreensão sobre o fenômeno educativo em suas diversas relações com a cultura e a sociedade, mas também habilita os profissionais da educação, estudantes e políticos a forjar um ambiente educacional mais justo, inclusivo e eficaz. Este ambiente estaria em consonância com as realidades socioculturais da escola contemporânea, atendendo de forma mais efetiva às demandas e desafios do século XXI.

Os caminhos da educação no encontro com a antropologia

O fato mais curioso nesse encontro de culturas de que resultou a conquista da América foi provavelmente a surpresa de ambos, espanhóis e indígenas, ao se depararem. Uns jamais suspeitaram da existência dos outros. Para se livrarem do incômodo desse assombro, ambas as partes mergulharam nas suas tradições míticas, a fim de encontrarem indícios reveladores ou presságios que os ajudassem a identificar e esconjurar os espectros com que haviam topado. Que estranha tribo desgarrada dos filhos de Israel seriam esses gentios, perguntavam os espanhóis? Que pavorosos deuses vingadores eram aquela gente barbada, toda revestida de metal e montada em veados gigantes, clamavam os indígenas? (SCEVCENKO, 1985, p. 53).

O trecho citado uma vez na Folha de São Paulo em 1985 descreve o encontro entre espanhóis e indígenas na conquista da América, possui relevância profunda para o campo da antropologia e educação. Este episódio histórico exemplifica a surpresa mútua que ambos os grupos experimentaram ao se depararem com culturas radicalmente diferentes das suas. Essa surpresa inicial desencadeou uma busca por compreensão e significado por meio de suas tradições míticas, demonstrando como a cultura molda nossa percepção e entendimento do mundo.

Esse encontro, caracterizado pelo etnocentrismo, no qual cada grupo se via como o parâmetro da normalidade e se esforçava para entender o

"outro", ilustra uma das preocupações centrais da antropologia. A antropologia, como disciplina, procura transcender o etnocentrismo, a fim de compreender e respeitar as diversas culturas e perspectivas humanas. Ela se desenvolveu historicamente como uma ferramenta para superar a visão restrita da própria cultura e se engajar de maneira significativa com as culturas e sociedades dos outros.

A antropologia, portanto, se empenha em compreender e explicar as diferenças culturais e sociais, o que inclui a análise de como diferentes grupos percebem, compreendem e interagem com o mundo ao seu redor. Isso é especialmente relevante no contexto da educação, onde as diferenças culturais desempenham um papel fundamental na forma como os sistemas educacionais são estruturados e como os indivíduos aprendem.

O etnocentrismo é um desafio significativo na educação, pois pode levar à marginalização e à subjugação de culturas e perspectivas diferentes. A antropologia da educação busca, portanto, oferecer insights sobre como superar o etnocentrismo e promover a compreensão intercultural e a justiça educacional.

Neste diapasão, reconhece-se a importância de compreender e superar o etnocentrismo na interseção entre antropologia e educação. Ele nos lembra que a diversidade cultural é uma realidade complexa que deve ser considerada em qualquer contexto educacional. Além disso, é justo endossar a necessidade de uma abordagem antropológica para entender as diferentes formas de conhecimento e cultura que influenciam a educação e a sociedade em geral. Esse diálogo entre antropologia e educação é sem dúvida, essencial para promover uma compreensão mais profunda e inclusiva das diferenças culturais e sociais em nosso mundo globalizado.

Apronta-se aqui, uma profunda reflexão sobre a interseção entre antropologia e educação, destacando a importância de compreender como as sociedades utilizam técnicas de socialização e educação para moldar seus membros desde a infância até a idade adulta. Ao relatar o processo educativo de uma criança marubo e outros exemplos de grupos tribais, é importante

demonstrar como a cultura desempenha um papel fundamental na formação dos indivíduos e na transmissão de conhecimentos, valores e normas.

Uma vez mais, o etnocentrismo, que é a tendência de avaliar outras culturas com base nos valores e normas da própria cultura, e como isso pode levar à marginalização e à imposição cultural. A antropologia, como disciplina, surge como uma ferramenta para superar o etnocentrismo, promovendo a compreensão e o respeito pelas diversas culturas e perspectivas humanas.

A relação entre cultura e educação deve ser explorada em profundidade, destacando como a educação ocorre no contexto da sociedade e como a cultura desempenha um papel fundamental na transmissão de conhecimento e na formação das personalidades dos indivíduos. É importante ressaltar que, a cultura não é estática, mas sim dinâmica, e que os processos culturais estão sujeitos a condições históricas específicas que moldam as práticas educativas e a forma como os indivíduos aprendem.

Joga-se luz sobre a imposição de uma cultura sobre outra, como ocorreu no encontro entre espanhóis e indígenas na América, destacando como essa imposição levou à violência e à perda de culturas indígenas. Essa reflexão ressalta a importância de compreender as diferentes sociedades em seus próprios termos e de superar o etnocentrismo para construir um conhecimento mais amplo e inclusivo.

Enfatizando neste interim sobre a natureza do diálogo entre antropologia e educação, revelando como ambas as disciplinas estão intrinsecamente ligadas pela cultura, pela transmissão de conhecimento e pela compreensão das diferentes sociedades humanas. Destaca-se a importância de reconhecer a diversidade e a complexidade das práticas educativas em contextos culturais diversos e como isso contribui para uma compreensão mais profunda das diferenças sociais e culturais em nosso mundo globalizado.

Carvalho (1989), referindo-se aos antropólogos, no chama a renovar a visão de mundo e das coisas (p. 20). Carvalho nos traz uma perspicaz análise

sobre a relação entre dominação política, colonialismo, homogeneização cultural e práticas pedagógicas centralizadoras. Joga luz para uma realidade historicamente fundamentada, em que o mundo ocidental, em sua busca por poder e controle, muitas vezes agiu como um "negador da diversidade humana".

O colonialismo, como evidenciado ao longo da história, frequentemente envolveu a imposição de uma cultura dominante sobre as culturas locais, resultando em perdas significativas de identidades culturais, línguas e tradições. Isso foi acompanhado pela supressão das perspectivas e valores dos grupos colonizados, o que criou uma dinâmica em que um modelo cultural único era considerado superior e, portanto, dominante.

Essa dinâmica de homogeneização cultural se estendeu às práticas pedagógicas. Os sistemas de educação frequentemente foram moldados de acordo com o modelo cultural dominante, ignorando as diversidades culturais presentes nas sociedades colonizadas. Isso resultou em uma educação centralizadora que não levava em consideração as necessidades específicas das comunidades locais.

O movimento do mundo, como mencionado, parece ter sido caracterizado pela transição da diversidade para a homogeneidade, à medida que o poder e a influência das nações ocidentais se espalhavam pelo mundo. Essa homogeneização cultural frequentemente acompanhou a expansão do colonialismo e a disseminação da cultura ocidental.

A antropologia vista como disciplina acadêmica quanto a pedagogia ocidental como prática educativa enfrentam o desafio de resgatar e redimensionar o universo das diferenças e da diversidade. Isso implica em uma revisão profunda das atitudes etnocêntricas, um reconhecimento das limitações do modelo cultural único e um esforço para abraçar e celebrar as diferentes perspectivas culturais.

A concepção boasiana de cultura tem como fundamento um relativismo de fundo metodológico como entende-se no ensinamento sobre:

[...]. A percepção do valor relativo de todas as culturas – a palavra aparece agora no plural, e não no singular, como no caso dos evolucionistas – servia também para ajudar a lidar com as difíceis questões colocadas para a humanidade pela diversidade cultural [...]. Segundo Boas, para se compreender as diferenças observáveis entre populações de origens diferentes, era importante considerar não suas supostas características "raciais": e sim o efeito de outras variáveis, como o meio ambiente e especialmente as condições sociais em que vivem essas populações. [...]. Era nesse sentido que ele rejeitava também a pretensa validade científica dos testes de inteligência, então usados para "provar" a inferioridade das pessoas "de cor" em relação aos brancos (BOAS, 2005, p. 18-19)

A chamada para a renovação de cosmovisão de mundo e das coisas, como sugerido por Carvalho, requer uma mudança fundamental na forma como entendemos e interagimos com o mundo ao nosso redor. Significa reconhecer a validade das múltiplas culturas e experiências humanas, promovendo uma coexistência pacífica e respeitosa entre diferentes grupos. É um desafio contínuo, mas também uma oportunidade para enriquecer nossa compreensão da humanidade e construir sociedades mais inclusivas e justas.

Notas sobre a antropologia e educação e as marcas do passado

As origens da antropologia e sua relação com o fazer antropológico como ciência é fundamental para compreender como essa disciplina se desenvolveu ao longo do tempo e como diferentes teorias moldaram a maneira como os antropólogos abordaram as questões da diversidade cultural.

A primeira teoria que se destaca, o evolucionismo, de fato, desempenhou um papel significativo nos primeiros estágios da antropologia como ciência. Inspirado por ideias de progresso e evolução da biologia, o evolucionismo enfocou a diversidade cultural como uma escala hierárquica, com a cultura europeia no topo, considerada como o estágio mais avançado da evolução. Essa perspectiva etnocêntrica levou a interpretações distorcidas e preconceituosas das culturas não europeias, frequentemente associando-as a estágios inferiores de desenvolvimento. Esse pensamento, como você apontou, teve implicações discriminatórias e racistas.

A crítica de Franz Boas ao evolucionismo foi revolucionária e fundamental para o desenvolvimento posterior da antropologia. Ao enfatizar a singularidade histórica de cada grupo cultural e sua independência de uma linha única de evolução, Boas desafiou a visão etnocêntrica e racista que permeava a disciplina. Ele trouxe à tona a ideia de que cada cultura deve ser entendida em seus próprios termos, levando em consideração seus contextos históricos específicos. Isso abriu caminho para uma compreensão mais profunda e respeitosa das culturas não europeias.

A crítica de Boas também se estendeu ao sistema educacional ocidental, destacando como a ideologia liberal e igualitária era frequentemente contradita pela prática educativa conformista e coercitiva. Sua observação de que a escola muitas vezes buscava criar sujeitos sociais conformes ao sistema produtivo em vez de promover a independência e a autonomia dos alunos é um ponto crítico importante.

As origens da antropologia e sua evolução teórica demonstra como a disciplina progrediu da visão etnocêntrica e evolucionista do século XIX para uma abordagem mais contextual e culturalmente sensível. Isso não apenas transformou a antropologia como ciência, mas também lançou luz sobre questões fundamentais relacionadas à diversidade cultural, identidade e poder, que são relevantes não apenas para a antropologia, mas também para a educação e a sociedade em geral. É um lembrete de como as teorias e práticas podem ser influenciadas pelo contexto histórico e como a reflexão crítica é essencial para o progresso intelectual e social.

Aponta-se para a influência de Franz Boas na forma como a diversidade social e cultural é compreendida, tanto na antropologia quanto na reflexão sobre questões educacionais. Boas desafia a visão evolucionista predominante em seu tempo, que tendia a hierarquizar as culturas de acordo com um modelo eurocêntrico de superioridade. Em vez disso, ele enfatiza a singularidade histórica de cada grupo cultural e defende a necessidade de um estudo aprofundado por meio do trabalho de campo.

Essa abordagem particularista da história humana, conhecida como história cultural ou culturalismo, reforça a importância do trabalho de campo como a própria fonte de pesquisa em antropologia. Boas e Malinowski são considerados os pais fundadores da etnografia, pois reconhecem que o pesquisador deve estar presente no campo para compreender as lógicas particulares de cada cultura. Essa ênfase no trabalho de campo como fonte de pesquisa moldou a antropologia como uma disciplina voltada para o estudo da alteridade, ou seja, das culturas diferentes daquela do pesquisador.

No contexto educacional, a corrente americana da antropologia cultural teve preocupações significativas. Antropólogos como Ruth Benedict e Margaret Mead exploraram a diversidade cultural sob várias perspectivas, incluindo a influência das práticas culturais nos primeiros anos de vida, os ciclos de desenvolvimento da infância à idade adulta, a educação formal e informal, o controle social, as relações entre grupos dentro de estados nacionais e entre culturas globais, entre outros temas.

Além disso, outros antropólogos como M. Herskovits, R. Redfield e C. Kluckhohn contribuíram para a discussão sobre educação, destacando questões como a escolha cultural, a visão etnocêntrica na organização escolar, o papel dos educadores diante das experiências pessoais e culturais dos alunos e a relativização dos saberes e valores culturais.

Essa abordagem relativista e ética no fazer antropológico, que valoriza a diversidade e reconhece a igualdade de valor das diferentes culturas, reflete uma dimensão política importante. Ela se alinha com o espírito do seu tempo, promovendo uma compreensão mais profunda das questões culturais e educacionais e desafiando visões simplistas e preconceituosas. Como resultado, a antropologia, especialmente a corrente culturalista, contribuiu significativamente para o enriquecimento do diálogo intercultural e para a promoção de uma abordagem mais inclusiva e respeitosa em relação à diversidade cultural e educacional.

A evolução do pensamento antropológico, especificamente a transição do evolucionismo para o culturalismo e funcionalismo, e como essas

abordagens influenciaram o estudo das culturas e das sociedades humanas. Essas mudanças de perspectiva têm implicações significativas na forma como os antropólogos e pesquisadores em educação abordam a compreensão das sociedades e culturas.

O evolucionismo, que prevaleceu no século XIX, classificava as culturas de acordo com um modelo evolutivo hierárquico, com base em princípios eurocêntricos que consideravam a cultura europeia como a mais avançada. Essa abordagem perpetuava o etnocentrismo e o racismo, pois considerava as culturas não europeias como atrasadas ou primitivas. Franz Boas, com sua perspectiva culturalista, desafiou essa visão, enfatizando a singularidade histórica de cada grupo cultural e defendendo o estudo aprofundado por meio do trabalho de campo.

O funcionalismo, por sua vez, surgiu nas décadas de 1920 e 1930 e se baseou na ideia de que a cultura é uma resposta às necessidades de um grupo ou indivíduo na sociedade. Nessa abordagem, as culturas foram vistas como sistemas integrados e funcionais que forneciam soluções criativas e singulares para as demandas da vida social. O trabalho de campo tornou-se fundamental nesse contexto, pois permitiu aos antropólogos entenderem como a cultura de um grupo respondia às suas necessidades específicas.

Os estudos de comunidade, que são uma extensão do funcionalismo, enfocaram a análise de pequenos grupos como microcosmos que refletiam a sociedade como um todo. Eles valorizaram a compreensão da cultura no contexto de grupos específicos e sua relação com o todo social. No entanto, é importante destacar que essas abordagens frequentemente não levaram em consideração as relações de poder subjacentes e as estruturas de desigualdade que moldam as culturas e as sociedades.

Além disso, essas perspectivas, embora tenham sido criticadas nos Estados Unidos a partir da década de 1940, continuaram a exercer influência no Brasil, especialmente através de Gilberto Freyre e pesquisadores americanos que chegaram ao país. Suas ideias tiveram impacto no Centro

Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e na educação brasileira nas décadas de 1950 e 1960.

No entanto, é importante chamar a atenção para a falta de consideração das críticas a essas abordagens e como elas podem estar ressurgindo na aplicação das técnicas de pesquisa antropológica aos estudos das culturas complexas, tanto na antropologia quanto na educação. Isso mostra a importância de uma abordagem crítica e reflexiva ao utilizar esses métodos de pesquisa, considerando as implicações éticas e políticas de como as culturas são estudadas e compreendidas.

Educação, Antropologia e Interseccionalidade: Tensões Epistêmicas e Caminhos para a Inclusão Transformadora

Torna-se necessário refletir não apenas sobre os fenômenos que emergem das interações entre professor, aluno e conhecimento científico, mas também sobre as abordagens pedagógicas que devem ser implementadas na construção do saber (Santos).

A relação entre educação e antropologia configura-se como um campo de tensão fecunda, onde se confrontam paradigmas epistêmicos distintos e se constroem possibilidades de compreensão profunda das dinâmicas sociais que atravessam os processos educativos. A antropologia, desde seus primórdios, ofereceu ferramentas para a análise crítica dos modos de organização social, das práticas culturais e das formas de produção de conhecimento. Quando transportada para o campo educacional, essa ciência rompe com a linearidade da pedagogia tradicional e desafia a concepção universalista de sujeito, currículo e aprendizagem. A escola, nesse contexto, deixa de ser concebida como um espaço neutro de transmissão de saberes e passa a ser entendida como um dispositivo complexo, em constante negociação simbólica, atravessado por disputas de poder, normatividades culturais e desigualdades estruturais (Gusmão, 1997).

A antropologia da educação, como subcampo disciplinar, emerge do esforço de desestabilizar a pretensa homogeneidade dos processos escolares.

Ao evidenciar a pluralidade dos modos de ser, saber e aprender, ela denuncia a lógica assimilacionista que impera nas instituições educacionais modernas, fundada em um paradigma eurocêntrico e monocultural.

Nesse sentido, a abordagem antropológica permite o deslocamento do olhar da escola como fim em si mesma para os sujeitos nela inscritos, com suas histórias, práticas, resistências e epistemologias. Trata-se de uma virada epistemológica que recoloca no centro do debate educacional as noções de alteridade, diferença e reconhecimento – categorias fundamentais para o exercício de uma educação transformadora. Essa mudança de perspectiva torna-se ainda mais relevante quando consideramos os sujeitos marcados por múltiplas formas de vulnerabilidade social, como migrantes, povos originários, populações negras, pessoas com deficiência, entre outros (Santos, 2007).

A perspectiva interseccional, elaborada por Kimberlé Crenshaw (1989) no campo do direito e posteriormente apropriada por diversas disciplinas críticas, amplia essa discussão ao mostrar como os marcadores sociais da diferença – raça, gênero, classe, deficiência, sexualidade, entre outros – não atuam isoladamente, mas de forma combinada, produzindo experiências únicas de opressão e exclusão. Aplicada à educação, a interseccionalidade evidencia a insuficiência das políticas universalistas, ao demonstrar que a garantia do direito à educação exige mais do que o acesso formal à escola: requer o reconhecimento das especificidades socioculturais e das interdições simbólicas e materiais que afetam de forma diferenciada os sujeitos. Nesse contexto, a antropologia apresenta-se como aliada incontornável para compreender como esses marcadores operam no cotidiano escolar, na forma de práticas disciplinares, currículos ocultos, estereótipos racializados e linguagens de silenciamento.

Além disso, a crítica decolonial formulada por autores como Aníbal Quijano (2000) e aprofundada por pensadoras como Silvia Rivera Cusicanqui e Catherine Walsh, contribui para uma leitura crítica da educação como

espaço de colonialidade do saber. A escola ocidental, conforme esses autores demonstram, tornou-se historicamente um instrumento de apagamento dos saberes indígenas, africanos e populares, reproduzindo a lógica do epistemicídio e naturalizando a inferiorização do conhecimento produzido fora dos centros hegemônicos. A proposta de uma pedagogia decolonial, portanto, exige uma revisão profunda das matrizes curriculares, dos métodos pedagógicos e das próprias formas de avaliação, de modo a reverter a lógica hierarquizante que legitima apenas determinadas formas de saber. Essa transformação passa pela valorização dos conhecimentos tradicionais e pela escuta ativa das vozes historicamente silenciadas, numa perspectiva de justiça epistemológica.

A antropologia, nesse horizonte, não atua apenas como instrumento analítico, mas também como prática insurgente. Ao propor a escuta sensível e a descrição densa das experiências dos sujeitos, a etnografia escolar torna-se um dispositivo potente para o desvelamento das microviolências presentes no cotidiano da escola. A partir de um olhar etnográfico, é possível perceber como a linguagem, os rituais escolares, a arquitetura institucional e os discursos pedagógicos constroem fronteiras simbólicas que delimitam quem pode aprender, quem é considerado inteligente, quem é incluído e quem é sistematicamente marginalizado. Trata-se, portanto, de um fazer antropológico comprometido com a transformação das relações pedagógicas, que desloca o foco da normatização para a compreensão e do controle para o cuidado (Gusmão, 1997; Turno, 2023).

Nesse sentido, uma educação orientada por princípios antropológicos e interseccionais demanda um reposicionamento ético e político por parte dos educadores, gestores e formuladores de políticas públicas. Isso implica reconhecer a escola como um território de disputa e não como um espaço neutro, onde se reproduz uma suposta universalidade. Implica, também, tensionar os próprios conceitos de inclusão e equidade, muitas vezes apropriados por discursos neoliberais e esvaziados de seu potencial crítico. A inclusão, sob essa ótica, não pode ser entendida como a mera inserção dos

“diferentes” em um sistema hegemônico, mas como a transformação estrutural do próprio sistema educacional, de modo a acolher a diversidade como valor fundante e não como exceção.

Nessa direção, é preciso destacar que os estudos antropológicos na educação não são um fim em si mesmos, mas parte de um projeto maior de desnaturalização das opressões e de construção de alternativas pedagógicas emancipatórias. A escuta ativa, a pedagogia do encontro, a valorização da experiência e o reconhecimento da pluralidade epistêmica são elementos que devem nortear esse projeto. Em um mundo marcado por fluxos migratórios intensos, por disputas identitárias e por múltiplas formas de exclusão, a articulação entre antropologia, educação e interseccionalidade se apresenta como uma chave teórico-política indispensável para pensarmos uma escola verdadeiramente democrática e inclusiva.

À Guisa de uma (in)conclusão

A intenção aqui foi de empregar uma reflexão importante sobre a evolução da antropologia e seu relacionamento com a educação ao longo do tempo. Detaca-se a transição da antropologia do evolucionismo para o culturalismo e funcionalismo, enfatizando como essas mudanças de perspectiva influenciaram a maneira como as culturas e sociedades humanas são estudadas e compreendidas. Além disso, cabe discutir o desafio enfrentado pela antropologia e pela educação na era contemporânea, especialmente no contexto das sociedades complexas e da necessidade de reconciliar abordagens positivistas com interpretações mais críticas.

Uma das questões centrais levantadas é a mudança no foco da pesquisa antropológica. Enquanto no passado a antropologia se concentrava em estudar culturas distantes e diferentes, a descolonização e a independência de antigas colônias tornaram essas culturas mais acessíveis e próximas. Isso levanta o desafio de aplicar métodos antropológicos a

sociedades complexas e dinâmicas em constante transformação, incluindo as sociedades urbanas.

Outro ponto crucial é a necessidade de conciliar abordagens positivistas, baseadas em métodos científicos tradicionais, com abordagens interpretativas e compreensivas, que exploram questões mais profundas sobre sociedades complexas e suas estruturas de classe. Esse desafio é particularmente relevante em um contexto em que a antropologia e a educação estão constantemente questionando suas práticas científicas e educacionais.

Desacata-se ainda, a importância do relativismo e da alteridade, que são princípios fundamentais na antropologia contemporânea. No entanto, observa-se uma ambiguidade e até mesmo uma contradição em como esses princípios são aplicados na prática. Isso exige uma urgente necessidade de repensar o papel da antropologia como ciência e da educação como prática no contexto atual.

Com isso é importante enfatizar a importância de buscar energias progressistas e menos conformadas no diálogo entre antropologia e educação. Isso implica uma abordagem crítica e reflexiva em relação às práticas científicas e educacionais, especialmente no que diz respeito ao trabalho de campo e à pesquisa etnográfica. Sabendo que, a antropologia e a educação estão em constante evolução e devem se adaptar aos desafios e complexidades do mundo contemporâneo.

Destaca-se a importância da interface entre a Antropologia e a Educação, evidenciando como essa conexão pode contribuir para enriquecer a prática educacional e promover uma visão mais inclusiva e relativista na educação escolar.

Aponta-se para a necessidade de que as teorias elaboradas em campos acadêmicos, como a Antropologia, se engajem politicamente e se tornem mais aplicáveis à realidade prática. Muitas vezes, essas áreas do conhecimento são percebidas como voltadas apenas para abstrações contemplativas, longe das questões do mundo real. No entanto, a Antropologia da Educação, ao integrar

conhecimentos antropológicos à prática educacional, quebra essa imagem e demonstra como teorias acadêmicas podem ser relevantes e influenciar positivamente a forma como a educação é conduzida.

Em comparação com a Sociologia é significativa, uma vez que essa Unidade Curricular já percorreu um caminho semelhante, integrando-se à educação e contribuindo com análises críticas sobre a sociedade e suas estruturas. Da mesma forma, a Antropologia pode oferecer uma perspectiva única sobre a diversidade cultural, social e individual, enfatizando que não existe apenas um padrão de comportamento, conhecimento ou pensamento, mas uma variedade de visões de mundo igualmente válidas.

Por fim, a conexão entre Antropologia e Educação oferece uma perspectiva enriquecedora para a prática educacional, enfatizando a importância do respeito à diversidade e da desconstrução de estereótipos. Ela convida educadores a repensar suas abordagens pedagógicas e a adotar uma postura mais inclusiva e sensível às realidades culturais e sociais dos estudantes, contribuindo para uma educação mais equitativa e democrática.

*** Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos** é Psychoanalyst and researcher, holding a degree in Pedagogy with a focus on inclusion and diversity, as well as a Bachelors degree in Administration. Specialist in Educational Technologies from the University of São Paulo (USP). Currently serves as a volunteer research collaborator at the Otavio Frias Filho Chair of Studies in Communication, Democracy, and Diversity, affiliated with the Institute of Advanced Studies at USP (IEA-USP). Member of the Brazilian Society for the Advancement of Science (SBPC). His current research in the field of education focuses on analyzing Autism Spectrum Disorder (ASD) in the context of migrants in basic education at the Federal University of São Paulo (UNIFESP), with support from the Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel (CAPES).

Contato: douglas.pestana@unifesp.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3941575427040698>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1861-0902>

Site: https://www.researchgate.net/profile/Douglas-Santos-44?ev=hdr_xprf

Artigo recebido em: 09/04/2024

Aprovado em: 15/06/2025

Como citar este texto: SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos. Antropologia e educação: um diálogo necessário. **Perspectivas Sociais**, Pelotas, vol. 11, nº 01, e1126818, 2025.

Referências Bibliográficas

BOAS, F. **Cuestiones fundamentales de Antropologia Cultural**. Buenos Aires: Solar-Hachette, 1988.

BOAS, F. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

BOAS, F. “Introdução”. *In*: Benedict, R. **Padrões de cultura**. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, (s/d).

DARNTON, Robert. História e antropologia (entrevista). **Boletim da ABA**, nº 26, p. 07-11, 1996.

GALLI, Matilde C. **Antropologia culturale e processi educativi**. Scandicci (Firenze): Nuova Italia, 1993.

SANTOS, Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos. Os games e a sua aproximação com o campo educativo. **Antíteses**, v. 17, n. 34, p. 264–288, 2024. DOI: 10.5433/1984-3356.2024v17n34p264-288.

SCEVCENKO, Nicolau. Folha de S. Paulo/Ilustrada, domingo, 2/2/1985, p. 53.